

A complexidade na psicossexualidade e na identidade¹

Eva Rotenberg,² Buenos Aires

Neste artigo, Eva Rotenberg observa que, no século XXI, a psicossexualidade viu se modificar o modo de expressão da sexualidade e das identidades de gênero, mudança causada como efeito de um psiquismo que se constrói em uma relação na qual intervêm a cultura, o intrapsíquico, o pulsional. Como as funções são atos psíquicos, abrem-se novos conceitos psicanalíticos, como a função de terceridade e de reconhecimento, em relação com a categoria de diferença – organizador psíquico – e as funções parentais, constituindo estas o contexto em que se desenvolvem as resoluções do complexo de Édipo dos pais, não só o do filho. Mostra que o gênero do casal não é fator determinante na construção da identidade de gênero dos filhos, pensada a partir de construções relacionais identitárias complexas. Afirma ser importante diferenciar o que chamamos de escolha sexual, que pode ser diversa, da problemática da identidade, incluída aqui a identidade de gênero que saiu do binarismo homem/mulher. Desenvolve conceitos metapsicológicos sobre o gênero neutro e pensa a respeito da diferença entre sexo e gênero, identidade sexual e escolha de objeto, bem como acerca das múltiplas manifestações de gênero e dos efeitos que produzem no desenvolvimento da subjetividade dos filhos. A diferença não é apenas sexual, é identitária.

Palavras-chave: Sexualidade; Desejo e prazer; Ideal e força egóica; Identidade de gênero e sexual; Escolha de objeto; Função de terceridade

¹ Trabalho apresentado no Simpósio da Infância e Adolescência da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) em maio de 2018.

² Psicanalista. Membro titular com funções didáticas e especialista em crianças e adolescentes da Associação Psicanalítica da Argentina (APA) e da *International Psychoanalytical Association* (IPA). Fundadora e diretora da instituição *Escuela para padres multifamiliar*. Professora de pós-graduação da Universidad de Buenos Aires (UBA).

e de reconhecimento; Categoria da diferença; Funções parentais; Homoparentalidades; Gênero neutro-gênero aberto

“Deveríamos sair do pensamento binário para pensar sobre ‘tudo o que é humano’” (Milan Kundera, 1994).

Antecedentes

Simultaneamente à criação de Comitê de Mulheres e Psicanálise, um dos Comitês da Associação Psicanalítica Internacional, IPA (COWAP), formei e comecei a coordenar o Espaço de Adoção, este localizado no âmbito da Associação Psicanalítica Argentina. A partir de consultas clínicas de pais homossexuais que adotaram filhos, ou de casais heterossexuais que se divorciaram porque um deles *saiu do armário*, comecei a repensar o conceito de perversão. Juntamente com Agrest (2010), ampliamos o tema das homoparentalidades e diversidades sexuais para pensar uma realidade que fosse capaz de ultrapassar os escritos psicanalíticos vigentes. Exceto Stoller, Butler e poucos outros colegas, praticamente se pensava a questão englobando-a nas *perversões*, partindo de um pensamento binário *fálico/castrado*.

No Congresso Internacional da IPA, realizado no Rio de Janeiro (2005), incluímos pela primeira vez a questão dos pais do mesmo sexo, a qual continuamos debatendo em todos os outros congressos desta instituição. O seminário foi um deflagrador que teve o propósito de compartilhar nossas pesquisas e experiências clínicas com colegas de outros países e culturas diferentes. Devíamos reformular alguns postulados psicanalíticos, retomando conceitos que consideramos válidos e pensando metapsicologicamente as novas manifestações clínicas.

O livro compilado junto com Agrest, *Homoparentalidades: nuevas familias* (2007), obra pioneira sobre essa questão, foi lido, e eu mesma acabei sendo consultada pelo Poder Legislativo da Argentina antes de ser aprovada a *lei do casamento igualitário*. Neste livro, redefino o conceito de perversão como *o uso do outro como objeto*, abordando as questões da identidade e do complexo de Édipo. Postulo que tanto as heterossexualidades como as homossexualidades podem ser neuróticas, perversas ou psicóticas, sendo que, atualmente, acrescentaria quadros com zonas psíquicas heterogêneas. Tal afirmativa, que agora parece ser uma evidência compartilhada, foi uma revelação. A legalização das uniões civis entre

diferentes identidades de gênero estabeleceu como *legal* o que antes era considerado *marginal*, fato ocorrido dentro de um contexto de mudança histórica demarcada por concepções filosóficas, sociais e científicas que levam à modificação jurídica e sacodem a psicanálise.

As consultas clínicas de crianças e adolescentes me levaram a pensar a construção da identidade de gênero nas crianças, questão que deve ser abordada a partir da psicanálise e da ética.

A homossexualidade no século XXI – repassando algumas ideias do século XIX

A sexualidade é uma das formas de vinculação humana, mas também, como dizia Nietzsche, pode ser uma maneira de controle e de regulação do que é considerado *normal ou anormal*.

Foucault estudou os sistemas de poder que regulam sua prática e, principalmente, tratou de compreender as formas segundo as quais os indivíduos concebem a si mesmos. O sexo não diz respeito apenas ao prazer, tanto que o propósito de Foucault foi demonstrar que a pretensa liberdade sexual não passa de um dispositivo que pretende distrair daquilo que deve ser objeto de luta em “nossa sociedade: o controle de nossos próprios corpos e nossos próprios desejos”. Postula (Foucault, 1991) que “puseram em nós um apetite (*orexis*) que empurra os dois sexos um para o outro; era necessário que nos víssemos impelidos a procriar [...]”³ (p. 184).

Weininger (*apud* Kohan, 2011) publicou um livro com o título *Sexo e caráter*. Com essa obra, foi o primeiro a falar de bissexualidade, exercendo muita influência nas ideias de Freud.

Freud revolucionou o século XX ao interpretar os problemas mentais a partir do emocional, do conflito psíquico, dos sonhos e atos falhos, tendo descoberto a íntima relação da sexualidade com o psiquismo e inclusive afirmando que ela está presente desde a mais tenra infância. Esta afirmação foi revolucionária e muito rejeitada, pois pervertia o imaginário cultural da sociedade vienense, e por isso foi considerada transgressora para os *bons costumes da época*. Freud desenvolveu o conceito de zonas erógenas e advertiu sobre as consequências que certos prazeres ou desprazeres infantis continuam gerando na mente do adulto. Em outras palavras, as suas observações sobre o devir sexual e seus conflitos levaram-no a concluir que a sexualidade no ser humano deve ser pensada como *homossexualidade*,

³ NT – As citações deste artigo foram em sua maioria livremente traduzidas.

diferenciando-se do reino animal, que se guia pelo instinto e imutabilidade do objeto. Em contraposição, no ser humano, o objeto é contingente; a fantasia, o desejo e o gozo na sexualidade desempenham um papel crucial e inevitável no psiquismo.

Explicou a sexualidade como uma atividade mais abrangente que a genitalidade, começando desde o nascimento, tendo postulado um conceito provocador para sua época e que ainda permanece atual: a pulsão pode buscar diferentes objetos para chegar ao prazer.

Incluem-se em Eros todas as moções meramente ternas ou amistosas que denominamos através do termo *amor*. Em uma de suas últimas obras, Freud reconhece que Eros é a pulsão de amor, que se opõe à Thanatos ou a pulsão de morte (Green, 2014). Constituem energias em tensão contínua, circunstância que torna a teoria psicanalítica uma teoria dinâmica. Concordo com Jorge García Badaracco (1983), que considera Thanatos intimamente relacionado com a ação do outro que não permite o aparecimento do ser.

Há temas que se transformam, mas não são totalmente *novos*. Novas são as diferentes organizações familiares, a legalização do casamento igualitário, as múltiplas manifestações identitárias em torno do gênero e das intervenções no corpo biológico, corpo este demarcado pela medicina para tentar satisfazer o corpo imaginário.

Não se trata de *curar o homossexual*. Qual é a nossa tarefa como psicanalistas? Não tenho dúvidas de que nossa ajuda, a quem nos consulta, é abordar a questão da angústia, lidando com ela além de sua definição sexual. Outra questão, também relacionada com a angústia, trata das relações vinculares que este paciente constrói, ou seja, a qualidade dos vínculos que possui com seu cônjuge, filhos, amigos: estão mais perto de Eros (amor) ou da dominação, anulação de si mesmo ou do outro (Thanatos)? Constrói vínculos ou tem relações virtuais? Tratam-se de novas realidades da clínica atual, questões que ficaram bastante afastadas dos tratamentos individuais nos quais somente se escutou o mundo interno do paciente; na crença de que, para conseguir que o superego fosse menos severo, o tratamento se transformava em uma maneira de *tranquilizar* o paciente, sem medir os efeitos. A mudança psíquica passou a ser gerada em um processo de transformação que inclui o sujeito e seus vínculos.

Veja-se a *metáfora da revolução copernicana*, através da qual o homem precisou aceitar que a Terra não era o centro do Universo. Outra revolução foi instaurada por Freud, ao mostrar que o homem guia os seus atos mais pela determinação inconsciente do que pela consciência, representando esta uma afronta ao seu amor próprio.

Haveria hoje uma nova revolução copernicana que sacode a psicanálise e a nossa clínica. A postulação sobre a descoberta da sexualidade infantil, do complexo de Édipo e da conceitualização da *psicosexualidade* – e não apenas do instinto – sofre hoje uma extrapolação. Descobrimos que a psicanálise não sabia *tudo* sobre a psicosexualidade: a sexualidade fluida, o gênero neutro e os múltiplos gêneros que escapam ao binarismo da biologia causam impacto na teoria e em nossa clínica.

A psicanálise, como teoria, e os psicanalistas, como especialistas, veem-se confrontados com a necessidade de *problematizar a sexualidade humana* devido à diversidade de identidades de gênero e de escolhas de objeto que não foram pensadas e nem representadas dentro da teoria, exceto como patologia. Temos sido surpreendidos por expressões na cultura, multiplicidade de identidades sexuais atuais e manifestações polimorfas, mostrando-nos sempre que o conhecimento nunca é totalmente abrangente. A identidade de gênero volta a confirmar a realidade psíquica para além do real.

Essas realidades, que foram legalizadas em muitos países do ocidente, nos fazem repensar o lugar da pulsão e do outro na psicosexualidade; a pensar na construção do gênero e da identidade sexuada; levam-nos a redefinir a perversão e a construção da categoria da diferença e a dar especial ênfase à questão da sexualidade infantil e da definição de gênero nas crianças. Estas mudanças e seus efeitos particulares constituem *crises de referências simbólicas*, as quais produziram o denominado *declínio da Lei Paterna*. Como explico, a Lei Paterna não foi apagada; ela, que denominei *função de terceridade e de reconhecimento*, apenas não ficou ligada ao homem como fiador.

Outro de nossos desafios é compreender metapsicologicamente o *gênero neutro*, um dos temas que desenvolvo no presente trabalho.

Hoje em dia, o psicanalista precisa abrigar em sua contratransferência a complexidade da transferência do paciente, que mobiliza diferentes aspectos não conscientes do analista. Portanto, é necessário garantir a própria análise e compreender o sofrimento humano ao invés de enquadrá-lo em diagnósticos. Neste sentido, a nossa formação contínua é um fator imprescindível.

Bissexualidade, binarismo e complexidade

Os antecedentes da complexidade estão germinando e transformando-se há séculos. Os gregos não opunham duas escolhas exclusivas, “o amor do próprio sexo e aquele do outro” (Foucault, 1986, p. 172). “Bissexualidade dos gregos? [...] não reconheciam dois tipos de ‘desejo’, ‘duas pulsões’, bissexualidade somente

pela possibilidade da escolha dupla, mas não pelo ‘desejo’” (*ibid.*, p. 173). Com este postulado, gostaria de mostrar a possibilidade de desejar sem as limitações impostas pela biologia.

Para os gregos, segundo Foucault (*ibid.*),

[...] é a oposição entre atividade e passividade que é essencial e assinala o domínio dos comportamentos sexuais como aquele das atividades morais; então observamos claramente por que um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em se supor feminino [...] pelo contrário, um homem que não domina suficientemente seus prazeres, seja qual for a escolha de objeto que tenha feito, é considerado como “feminino”. A linha divisória entre um homem viril e um homem efeminado não coincide com nossa oposição entre heterossexualidade e homossexualidade, e também não se reduz à homossexualidade ativa e passiva (p. 83).

Principalmente Freud (1905; 1920) – ao descobrir a importância da sexualidade infantil na etiologia das psicose, entre outras obras fundamentais que revolucionaram o pensamento científico – e, a seguir, os movimentos feministas, ao estabelecerem a mudança da posição da mulher na sociedade, produziram efeitos multiplicadores na família, na sexualidade e na posição de como era concebida a masculinidade.

A psicosexualidade na psicanálise contemporânea, qual seja, a realizada no século XXI, afastou-se do binarismo ligado ao sexo biológico, mesmo que ainda existam muitas controvérsias, inclusive na psicanálise.

Sabemos que a abertura que dá a saída do binarismo (apoiado na psicosexualidade) se sustenta na realidade psíquica, permitindo pensar as novas manifestações na clínica atual. Poderíamos, então, denominá-la *psicosexualidade complexa*?

Nos tempos atuais, a desconstrução de estruturas binárias na psicanálise se inscreve em um olhar intersubjetivo: não se definiria a mulher em relação ao desejo do outro, pois a maternidade não é destino, é escolha. Além disso, pensar a mulher em relação com outros modifica as posições em ambos os sexos. Esta posição nos leva a uma exigência psíquica pela necessidade de desarmar o que foi considerado como natural no imaginário social, o qual permaneceu fixado no aspecto biológico desde a origem da cultura, sustentado inclusive pelo mito bíblico de Adão e Eva, que nos diz que, para ter filhos, é preciso um homem e uma mulher. Para conceber filhos, é necessário, pelo menos até hoje, óvulos e espermatozoides, mas não necessariamente um casal heterossexual. Atualmente, conceber não implica

mais em ser pais. Para serem pais, não é preciso que sejam de sexo diferente. Estes constructos, que pareciam pilares irremovíveis, na verdade não o eram, e constatamos, como outrora disse Freud (1905, 1920), que a sexualidade humana deve ser pensada a partir da realidade psíquica.

É importante destacar os avanços científicos como fatores determinantes: hoje não se necessita da união entre dois sexos para a procriação e, por sua vez, existem intervenções cirúrgicas que possibilitam a resignificação e mudança de gênero, concretizando no corpo o que antes ficava na fantasia. Estas novas realidades e seus efeitos nos levam a revisar a teoria. Em várias ocasiões, Freud aproximou-se da questão e foi muito prudente em relação à homossexualidade, considerando-a uma inversão; Joyce McDougall (1978) denominou-as *neossexualidades*.

Na clínica, constatamos que o gênero do casal não é um fator determinante na parentalidade *suficientemente boa* ou mesmo na identificação de gênero dos filhos.

Pensar a *função parental* permite desconstruir o mito da heterossexualidade como garantia de filhos identificados com seu sexo biológico ou que heterossexualidade é sinônimo de normalidade e homossexualidade de anormalidade. Hoje em dia, em parte do mundo, a cultura nos indica que a biologia não é destino.

Ajuda-nos tomar como modelo o pensamento de Confúcio, filósofo oriental que explicou o *yin-yang*, no qual o masculino e o feminino, o ativo e o passivo, são possibilidades que coexistem em uma mesma pessoa, para além do sexo biológico.

Judith Butler (2004) deu muita importância aos fenômenos de inclusão-exclusão submetidos às leis dominantes. Ela afirma que estas leis, que determinam o normal e o anormal, têm grande ascendência na produção dos valores performativos com os quais são identificados os sujeitos, como se essas características os definissem como naturais. A autora fala também de falsas identificações. Butler mostra que as diferenciações binárias de gênero foram utilizadas para justificar a opressão patriarcal e que, devido à possibilidade de procriar da mulher, o destino dela era a criação dos filhos e as tarefas domésticas.

Acredito que J. Butler (*ibid.*) deseja confrontar as formas de subjetivação performativas traçadas a partir da cultura, criticando o que chama de *políticas da identidade* ao argumentar contra as fixações identitárias coletivas. Considero que essa autora não se detém suficientemente na constituição psíquica, pois, embora seja uma construção relacionada com os outros significativos do sujeito, sabemos que os valores sociais influem no modelo de criação, mas não são determinantes. De outro modo, não poderíamos explicar a homossexualidade em sociedades vitorianas ou religiosas.

Joyce McDougall (1996) considera que “se trata da problemática das

alteridades enquanto o corpo do sujeito se diferencia pouco ou nada do corpo do outro” (p. 51). Descreve a vivência de “um corpo para dois e um sexo para dois” (*ibid.* p. 45), referindo que estas escolhas sexuais tentam criar uma proteção não só contra os terrores inconscientes da sexualidade adulta (angústia de castração) como também contra a perda da identidade sexual e inclusive da identidade subjetiva.

Susan Vaughan (2018) pensa que, embora as diferenças de sexo biológico existam e tenham incidência em modos de sentir – na mulher, por exemplo *a interioridade como um lugar que pode abrigar e, no homem, a possibilidade de ser penetrante* –, na fantasia tudo é possível para ambos os sexos.

Funções parentais e sexualidade

A questão que nos traz até aqui leva a pensar que a estruturação psíquica e a construção da identidade sexuada devem sair do solipsismo intrapsíquico que considera as pulsões como excitações nascidas no interior do corpo. Na *Conferência 31 das Novas conferências introdutórias à psicanálise* (1932), Freud diz “onde havia o Id, deve surgir o Ego” (p. 74). O Ego está cindido, mas as funções do Ego são centrais para o sujeito. Quanto ao Id, lugar das pulsões, mas também do desejo dos pais, ele irá favorecer ou não o advento do Ego? Esse Ego poderá implementar a capacidade de suas funções potenciais? Poderá vir a ser sujeito de seus desejos ou será um Ego majoritariamente cindido, submetido ao desejo e encargos dos outros? O Id não é uma instância solipsista, está conformado não apenas por moções pulsionais como também pelos desejos, traumas e fantasias dos outros significativos desde antes do nascimento.

Hoje devemos pensar a pulsão como energia que atravessa os espaços psíquicos e busca o outro. É preciso considerar a pulsão e a sexualidade na intersubjetividade, na trama das interdependências (García Badaracco, 2007). É o outro que sustenta o equilíbrio narcisista e que desperta a pulsão do bebê. O bebê (Rotenberg, 2010a; 2010b; 2014) também sustenta o equilíbrio narcisista dos pais – esta é a interdependência: a busca de reconhecimento se dá em ambos os sentidos, mesmo que apresentando diferenças assimétricas e qualitativas.

A *função parental* por excelência é aquela que permite que o filh@⁴ adquira um sentimento de *sentir-se verdadeiro* e, para que isto seja possível, existem diferentes atos psíquicos que entram em jogo nas interdependências entre pais

⁴ Em *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud afirma que os pais esperam de *sua majestade o bebê* que cumpra os desejos não realizados por si mesmos. Afirmando que, se o filho não consegue sair do lugar de desejo do desejo do outro, sem respeitar o seu próprio desejo, será um personagem falado por outros, sem sentir-se verdadeiro.

e filh@. Atos psíquicos fundamentais no desenvolvimento da mente do bebê e da criança, com preponderância do amor (mesmo que seja insuficiente), os quais marcarão a possibilidade de integração do Ego e depois da integração psique-soma (Rotenberg, 2014; 2017). Quando estas *funções* falham, a possibilidade do advento do ser vacila. A carência afetiva, a privação precoce, o descuido, a rejeição ou a interrupção das relações afetivas com os pais se encontram sistematicamente na literatura como causa de graves transtornos de conduta (García Badaracco, 2000).

Postulo que a *função parental* desempenha diferentes *atos psíquicos* fundamentais, não apenas aqueles que antes eram denominados de função materna e função paterna e que agora nomeio como *função de sustentação do ser* e a *função de terceiridade e de reconhecimento*, as quais não têm correspondência com o sexo biológico, podendo ser fixas ou alternadas no casal. São vários os atos psíquicos fundantes do psiquismo do filho, e eles podem ser desempenhados por pessoas com diferente orientação sexual. Freud não trabalhou com bebês e crianças, portanto considero que não chegou a explicar suficientemente a complexidade da estruturação mental precoce e os efeitos das falhas.

O bebê possui necessidades: não só a satisfação da fome como também o contato físico, um apego seguro. Estas necessidades dependem do adulto, não são simplesmente ações, tornam-se atos psíquicos (Rotenberg, 2014). As ideias de Laplanche (1996) são extensíveis à criança, que também desperta significantes enigmáticos nos pais, criando-se uma interdependência recíproca.

A passagem do autoerotismo para o narcisismo (Freud, 1914) precisa de um novo ato psíquico: surge o Ego (Rotenberg, 2014), mas como se organiza? Como se integra? Laplanche (1996) afirma que é a mãe quem desperta a pulsão (eu o penso a partir de uma interdependência). Isto quer dizer que não se busca apenas a vivência de satisfação, pois a necessidade de reconhecimento é mútua. Trata-se de devolver um olhar, um desejo que faz com que ambos sintam-se sujeitos de um desejo do outro. Os progenitores e a criança (Rotenberg, 2014), precisam se sentir existentes e reconhecidos, mesmo que seja considerada a assimetria.

Isto nos leva à *fase do espelho* postulada por Jacques Lacan (2009) e ao olhar da mãe como primeiro espelho para a criança, como nos aponta Donald Winnicott (1971). A metáfora de Lacan mostra, por um lado, que o Ego se constitui de maneira imaginária, uma vez que o bebê acredita estar do outro lado do espelho e depende de como é *visto pelo outro significativo*. Por outro lado, ela nos mostra que o Ego vai se integrando porque já consegue diferenciar-se da mãe e reconhecer a si mesmo. A mãe, como espelho, inclui os desejos e fantasias maternas/paternas. Essa é uma metáfora que nos revela que o sujeito humano é formado não apenas pelo outro, mas também pelo outro com seus outros. “Tanto

para Lacan como para Winnicott, está implícita a inevitabilidade do outro com seu compromisso libidinal” (Rotenberg, 2014, p. 47). O que acontece se mãe e pai não veem seu filho(a)? Ou, por exemplo, se quando o olham, percebem um filho que faleceu? Como se constitui o sentimento de si mesmo? O que acontece se o bebê não responde ao modo de aproximação do adulto? O que acontece no bebê e nesse adulto? As distorções no *espelho* geram distorções no sentimento de si mesmo e na constituição do Ego. A criança utilizará possibilidades potenciais virtuais para conseguir ser *vista e reconhecida, ainda que o faça através de neossexualidades* (termo utilizado por Joyce McDougall, 1978).

Este ponto é seguido pelos defensores da ideia de educar as crianças criando um gênero neutro, quer dizer, devolvendo um olhar sem as características atribuídas às identidades de gênero *promovidas pela cultura*. Pessoalmente, acho que tentam apagar identificações parentais *que constroem o self*. A cultura determina certos traços, mas não devemos apagar a intersubjetividade na formação subjetiva.

Quando os pais não possuem *recursos egóicos* (Rotenberg, 2014), desenvolvem um *falso self* parental e acreditam que ser pais é dar ordens aos filhos, mas não conseguem se relacionar emocionalmente, porque agem como personagens. Esta marca na constituição subjetiva a partir das interdependências pais-filhos é fundamental na construção da definição da identidade de gênero. Encontramo-nos no campo da psicanálise relacional. A falta ou falha de recursos egóicos parentais influirá no modo de apego precoce e nas múltiplas funções parentais que intervêm desde o nascimento ou até mesmo antes.

Embora se nasça com um sexo biológico, a atribuição de um sexo ao filho por um dos pais indica uma marca psíquica (Green, 1983). Por outro lado, o filho pode se identificar com o personagem dos pais, com a homossexualidade reprimida, com o sexo inconscientemente idealizado. Outro caminho seria, em vez de se identificar, querer ser esse outr@. Os pais podem ver no bebê recém-nascido, por exemplo, uma menina que morreu antes do nascimento do menininho. Conforme vemos, o olhar carregado de fantasias não elaboradas e de desejos parentais insatisfeitos, o bloqueio do investimento libidinal ou a agressividade para com o filh@ são fatores que devemos levar em conta para abordar estes e outros aspectos que escapam à neurose ou à psicose. A relação entre irmãos também é um fator a ser considerado.

Poderíamos falar de *funcionamentos heterogêneos*? Há diferentes interdependências emocionais e etapas *libidinais que continuam atuantes e que determinam diferentes estados da mente*. Está claro que as séries complementares e as vivências traumáticas influem em todo ser humano, mas, se em certas pessoas isto faz com que se sintam com um gênero diferente do biológico, não devemos patologizá-las, e é isto o que devemos reconsiderar.

As identificações seriam um processo que faz parte das interdependências, mas considero insuficiente a explicação da complexidade da mente e da construção identitária e subjetiva apenas a partir do processo identificatório. A explicação performativa da cultura também não dá conta das atribuições que caracterizam *o feminino e o masculino*.

Bowlby (1993) nos enriqueceu com a teoria do apego. Considero a qualidade do apego como outro ato psíquico. Mikulincer & Shaver (2007) desenvolveram a hipótese de que a qualidade do apego precoce podia influir na resolução do complexo de Édipo, nas escolhas de objeto sexual e na definição de identidade de gênero.

Sabemos que existem diferentes qualidades de apego – apego seguro, apego amistoso, apego inseguro e a falta de apego. Minha experiência clínica – e o que estou descrevendo aqui – leva-me a sugerir a inclusão de um apego enlouquecedor, um apego patogênico que deseja imprimir no filho o modo de decifrar os vínculos, um apego parental arcaico incrustado na mente do filh@ que o confunde. Outro modo de apego patológico seria o do adulto que ama e odeia o bebê ou o outro progenitor de forma simultânea, enviando-lhe mensagens incompatíveis para serem processadas mentalmente. Estas feridas no narcisismo são muito precoces. Com quem as crianças podem se identificar? Em quem podem confiar? Isto poderia nos levar a pensar no gênero neutro.

Sobre a identidade

Nascemos com um sexo biológico, enquanto que o gênero é uma construção identitária cuja relação com a anatomia pode ou não coincidir, abrindo múltiplas manifestações possíveis.

Podemos ampliar a compreensão dinâmica das novas construções identitárias se reavaliarmos as interdependências precoces e a psicanálise relacional.

A resolução do complexo de Édipo não é linear quanto a identificações com o progenitor do sexo oposto ou do mesmo sexo, mas não é só a saída desse complexo que determinaria a escolha de objeto ou a identidade de gênero. Devemos entrar em zonas arcaicas da constituição subjetiva, zonas indefinidas que são produto de relações pré-edípicas e inclusive de desejos e traumas parentais pré-natais. Quer dizer, compreender o complexo de Édipo dos pais é pensar as complexidades psíquicas.

Parciais e paradoxais, as identificações podem incluir os opostos: sentir-se homem tendo nascido mulher, mas desejar engravidar; nascer homem, adotar a

identidade feminina e estar em um casal lésbico. Como vemos, as possibilidades que se apresentam são múltiplas. Pergunto: são efeitos do desejo sexual ou da busca do ser?

As *funções parentais*, pensadas na relação com o filho(a), são atos psíquicos absolutamente entrelaçados com a pulsão, armando o alicerce da construção identitária subjetiva e de gênero. A sexualidade é parte da identidade, mas pensada como um autorreconhecimento do Ego pelo próprio sujeito em seu devir. Freud indica as *identificações primárias* na constituição psíquica, mas não desenvolve o conceito de identidade, embora não o desconheça.

Um exemplo é a importante contribuição feita em *O estranho* (1919), relato cheio de fenômenos que ultrapassam o Ego e a identidade. [Trata-se do fenômeno do duplo] entendendo a identidade humana como em um devir, um processo que não está fechado, não é encerramento, mas abertura, que é desejo, é intencionalidade (Rotenberg, 2014, p. 22).

Para Winnicott (1960), o *si mesmo verdadeiro* está relacionado à vivência de sentir-se autêntico, de ser a própria pessoa apesar das mudanças. O processo é complexo. Sabemos que, se a criança não se identifica porque perdeu o outro, pode incorporá-lo querendo ser o outro. André Green (1983), em uma citação a Freud, desenvolve “a confusão entre ‘ter o seio’ e ‘ser o seio’” (p. 60). O ter é posterior ao ser. Assumir certa identidade sexual poderia estar no lugar de ser o objeto ausente.

Essa questão só pode ser pensada a partir da complexidade. Lembremos algumas ideias de Edgar Morin (1998) quando afirma que é preciso dissipar duas ilusões que distanciam os espíritos do problema do pensamento complexo. A primeira é acreditar que a complexidade leva à eliminação da simplicidade. Com certeza a complexidade aparece nos momentos em que o pensamento simplificador falha, mas integra em si mesma tudo aquilo que coloca ordem, clareza e precisão no conhecimento. A complexidade busca articulações entre domínios, atrás de um pensamento capaz de dialogar. A segunda ilusão se refere ao fato de que a complexidade poderia ser pensada como totalidade, mas não o é.

Silvia Bleichmar (2010) desenvolveu amplamente a questão da identidade, afirmando que as identidades “estão em fratura com as formas usuais de identidade” (p. 33). Menciona que (*ibid.*, p. 37) “alguém que muda a atribuição de gênero [...] é alguém que pensou ter o gênero errado, então o que faz é pô-lo de acordo”. Conclui declarando que sempre “pensamos que a identidade de gênero era posterior ao reconhecimento da diferença sexual anatômica e posterior à escolha de objeto do ponto de vista genital, quando realmente é anterior e se ressignifica a posteriori”.

Sempre consideramos a identificação como o processo que constitui os núcleos identitários. Piera Aulagnier (1979) conceitualiza o *projeto identificatório* que vem do adulto para a criança, definindo a identidade como uma questão de enunciados por meio dos quais o Ego deve realizar a autoconstrução necessária para se projetar temporalmente.

Em relação a este tema, Otto Kernberg (1982) postula que a falta de previsibilidade nos vínculos, um apego ansioso, não permite conter a excitação sexual, e este poderia ser um fator que leva à identificação ou busca de vínculos proibidos e nocivos, bem como de situações ilícitas. Segundo ele, quando a regulação afetiva falha, pode surgir uma busca vincular que nunca se viveu antes. Neste sentido, o sexo biológico poderia passar para segundo plano.

Como venho afirmando, está claro que o desenvolvimento da homossexualidade encontra-se entrelaçado desde a origem na intersubjetividade, que não anula a pulsão e sim acaba por estimulá-la, dando forma ao intrapsíquico e ao sentimento de identidade, com suas vivências, fantasias e fantasmas. O sentimento de ser um si mesmo difere da ideia de pensar um sujeito sempre idêntico a si mesmo. Retomo as ideias da advogada Ana María Carrasco (2010) que afirma existir na identidade um núcleo duro e outro dinâmico. Algumas pessoas definem sua identidade de gênero desde muito cedo, enquanto que, para outras, a definição é um processo que ocorre ao longo da vida.

Corpo sexuado: sexo e gênero

Desconstruiu-se o sexo do gênero. O sexo corresponde ao corpo sexuado da biologia, com o qual se nasce: menina ou menino. Assumir a identidade de gênero não é algo dado pela natureza, mas uma construção subjetiva que se desdobra em uma trama intersubjetiva complexa e dotada de uma historicidade, como venho desenvolvendo.

Quando a identidade sexual assumida não corresponde ao sexo biológico, fala-se de gênero. Este inaugura a possibilidade psíquica de transformar a biologia, assumindo outro gênero que não corresponde ao sexo do nascimento. São múltiplas as possibilidades habilitadas pela realidade psíquica e pela cultura atual.

Butler (2004) alerta sobre as definições pré-discursivas que vêm da cultura como *imodificáveis*, postulando que, se o corpo é construído, pode ser modificado à vontade.

Embora Freud (1905) tenha descoberto a sexualidade infantil (etapa perversa polimorfa que pode perdurar na vida adulta), e apesar de toda a importância que

esta possui, continuou conservando a posição do binarismo *fálico/castrado*. Hoje, a psicanálise ainda tem muito para desenvolver sobre a compreensão das manifestações da psicosexualidade, e essa é parte do potencial não desenvolvido de Freud.

Para Jacques Lacan (2010), quando se refere à *Lei do Pai*, esta função está encarnada no homem; não é metáfora. Quanto à mulher, considera-a como um objeto de intercâmbio, influenciado pelas investigações de Levy Strauss em sociedades primitivas. Parece-me interessante destacar que, ao fazer a passagem do termo *mulher* para *posição feminina*, metaforiza o conceito, já não designando uma essência, mas uma posição. A *Lei Paterna* representa uma ordem simbólica para a posição masculina e feminina. Embora o que simboliza esteja vigente, aderi-lo ao sexo biológico acabou sendo restritivo, motivo pelo qual represento a *função* que denominei de *terceiridade e de reconhecimento*. Essa função, para Lacan, ficou encarnada no homem, algo que torna a questão confusa, pois os pais [masculinos] ficariam presos acreditando que sua função era o dever de desafiar seus filhos. Lacan (2011) apresenta várias fórmulas, como *a mulher não existe, a mulher é um sintoma do homem*, isto é, as mulheres seriam um objeto fantasmático, causa do desejo do outro. Em Lacan, as fórmulas metafóricas e os conceitos simbólicos estão muito ancorados no sexo biológico. Neste sentido, não pôde escapar da influência de sua época, tendo recebido muitas críticas dos movimentos feministas.

Em uma linha teórica muito diferente, Robert Stoller (1979) afirma que a criação é tão importante na determinação de gênero quanto a genética. Assim começa a aparecer a diferenciação entre o sexo biológico e o gênero, acontecimento que marca um hiato nestas questões. Jéssica Benjamin (1997) diz que “a intersubjetividade intervém na estruturação do mundo psíquico” (p. 17). Joyce McDougall (1978) afirma que a sexualidade tem vicissitudes desde a relação precoce com a mãe, a sexualidade infantil, o complexo de Édipo, acabando por se formar a partir do discurso e do inconsciente parental, e não pela biologia.

Na Argentina, J. García Badaracco e eu mesma desenvolvemos amplamente os processos de constituição intersubjetiva nas tramas das interdependências recíprocas.

Sabemos que a neurociência postula que o fator epigenético é muito determinante, isto é, a influência do meio ambiente no sujeito.

O desejo não está totalmente determinado e, a partir da psicanálise, afirmamos que a psicosexualidade não está capturada por regras. Dito isto, a questão não pode ser pensada linearmente como produto de fixações, mas tampouco isso pode acontecer desconhecendo a singularidade e as séries complementares em cada caso.

A sexualidade humana pode ser um *acting*, uma liberação pulsional que não

leva o outro em conta. Neste caso, seria a expressão de uma tentativa de descarga e, ao mesmo tempo, de uso do outro, respondendo mais a pseudo-encontros muito diferentes de vínculos sexuais amorosos, não importa se hetero ou homossexuais. A construção identitária sexuada pode ter mais relação com o ser do que com o desejo sexual, ou seja, estar mais relacionada com zonas arcaicas da constituição psíquica, com traumas e encontros satisfatórios desde a infância, com significantes enigmáticos.

A psicosexualidade – com sua dimensão intersubjetiva, relacional e não apenas intrapsíquica – intervirá na expressão identitária do sujeito, não como essência, mas como expressão do *self*. Sentir-se a própria pessoa não significa ser sempre idêntico, uma vez que essa seria uma utopia que negaria as mudanças, a temporalidade e o acaso. A psicosexualidade é um modo de vinculação humana atravessada pela singularidade das vivências, pela qualidade do apego que se teve, pelos atos psíquicos desenvolvidos pelas *funções parentais* e pelas transmissões inconscientes intersubjetivas.

Sabemos que a busca da redução da tensão produz a necessidade de satisfação. Contudo, existe uma necessidade do bebê, e de todo ser humano, de ser reconhecido em sua singularidade. A vivência de satisfação não é apenas produto da mamada. Spitz (1965) nos fez notar a necessidade do intercâmbio afetivo e o fato de que o sorriso social do bebê se dá diante do rosto, e não pelo simples ato alimentar.

Sabemos que a necessidade e o desejo são qualidades diferentes que nem sempre coincidem. Considero que é possível explicar o extremo de poder desejar o que causa prejuízo com base na necessidade de reconhecimento, e não apenas a partir do masoquismo.

Para Freud (1920), existem duas grandes categorias de pulsões: Eros (vida) e Thanatos (morte). No entanto, considerando-se uma psicanálise que inclui o relacional, deveríamos pensar a pulsão de morte como ausência de reconhecimento, enquanto que, observando-se o aspecto social, como diria Hegel, existem normas sobre o que se considera ou não humano e que geram efeitos subjetivos. Em um trabalho de 2017, refiro que Winnicott concebe angústias precoces prévias ao Édipo, como as angústias de aniquilamento e de colapso, ao passo que eu mesma concebo a angústia de sentir-se invisível, a qual ocorre quando os pais não devolvem ao filh@ um olhar subjetivante. Eles funcionam metaforicamente como um espelho que não devolve ao filho um reflexo, uma vez que este não é olhado.

Embora as aspirações das pulsões de morte, como afirma Freud (*ibid.*) inclinem-se no sentido da redução completa das tensões, quero destacar que muitas delas são geradas porque o outro significativo não pode ou não sabe como aliviar,

conter ou satisfazer as necessidades do bebê ou da criança maior. Pelo contrário, em alguns casos, a carga patogênica do outro apenas estimula e incrementa as tensões no *infans*. Ou pode acontecer que o estado de necessidade afetiva seja intenso, e a criança se sinta como invisível quando não existe o reconhecimento.

“Marty propõe substituir o conceito de pulsão de morte pelo de desorganização contra-evolutiva” (Green, 2014, p. 290). Por sua vez, García Badaracco (1990) considera que não nascemos com uma pulsão de morte, mas que esta se desenvolve a partir do efeito patogênico dos pais sobre a criança.

A construção da categoria da diferença

Freud menciona a diferença sexual baseada no binarismo fâlico/castrado e, em princípio, parte da crença infantil de que *todos têm pênis*, embora a criança saiba que *não é assim*, mas ela sustenta esta negação, e o temor à castração acaba por introduzi-la no complexo de Édipo. Freud (1925) postulou consequências psíquicas baseadas na diferença sexual anatômica, afirmando que a vida sexual da mulher era mais enigmática, mas que, “com necessárias modificações, as coisas são no todo semelhantes no caso da menina” (p. 262). Ele foi modificando esta posição. Em correspondência com Marie Bonaparte (*apud* Jones, 1955), pergunta: “O que quer uma mulher?” (p. 468). Ao analisar a etapa fâlica e o papel que desempenha na organização genital infantil, reconheceu carecer de elementos para pensar sobre a menina. Posteriormente, em *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud centra a diferenciação entre as meninas e os meninos na escolha de objeto: por apoio [relação anaclítica] ou narcisismo. Em *Um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica* (1915b), o essencial estava na relação da paciente com sua mãe. Em *Uma criança é espancada* (Freud, 1919b) e em trabalhos posteriores, culminando em *Sobre a sexualidade feminina* (Freud, 1931), desenvolve a inveja do pênis por parte da menina e postula duas zonas erógenas para ela: o clitóris (masculino) e a necessidade de fazer a passagem para a vagina depois da puberdade. Freud não pensou a mulher como castrada, senão que *a aceitação da castração* é um organizador subjetivo para ambos os sexos, reconhecendo, no entanto, a disposição bissexual para ambos os sexos. Contudo, nunca pôde compreender a mulher, tendo pensado a sua resolução edípica em torno do falo: frigidez, maternidade ou homossexualidade.

Existiram desenvolvimentos importantes da parte de psicanalistas mulheres, como Helene Deutch. Interessada nessa questão, ela trabalhou em maternidades e atendeu muitas mulheres. Seu trabalho mais importante, *Psicologia das mulheres*

(1949), foi a principal referência para Simone de Beauvoir. Apesar desses desenvolvimentos, o valor atribuído à diferença sexual anatômica constitui um referencial sustentado até a atualidade.

As transformações teóricas e sociais foram exponenciais. Atualmente, as mudanças na mulher e na família podem levar ao questionamento se está em risco a construção simbólica do conceito de *diferença* baseada na diferença sexual anatômica, como postulou Freud.

A integração do Ego vai se constituindo desde o nascimento. Para que o Ego possa estabelecer a categoria da diferença sexual anatômica como organizador psíquico, deve internalizar previamente outras construções psíquicas acerca da diferença. A categoria da *diferença* como organizador possui um desenvolvimento mais complexo do que havia sido conceitualizado. Esta aquisição – de acordo com a minha experiência clínica a partir de consultas de crianças que se sentem pertencentes a outro gênero que não corresponde ao seu sexo biológico – é o produto do reconhecimento ou da falta dele, de outras diferenças prévias transgeracionais, parentais e da própria criança.

Benjamin (1997) afirma que, na fase pré-edípica, as crianças são *superinclusivas*: acreditam que podem ter ou ser tudo. Não reconhecem ainda o caráter excludente da diferença anatômica: querem o que o outro sexo tem, não *em lugar de*, mas *além daquilo* que elas têm.

Construção da identidade de gênero nas crianças

Considero a questão como uma das mais urgentes na psicanálise hoje. Embora exista uma multicausalidade na construção da identidade de gênero, e mesmo que a direção da cura não seja no sentido de *curá-las de sua identidade sexual*, algumas crianças reverteram sua orientação sexual em um processo terapêutico, outras não. Isto não constitui o problema. O que nos diz respeito nesse ponto é a ação do adulto. Quando querem trocar o nome, o documento de identidade de uma criança pequena e interferir em sua produção hormonal, pergunto: a criança está em condições emocionais e com suficientes recursos egóicos para falar por si mesma e lidar com estas vivências? Ou seria necessário esperar até que ela possa considerar qual é sua própria decisão, metabolizá-la e saber se não está atuando o desejo dos outros?

Vinheta

Uma família consulta porque seu filho de cinco anos brinca com bonecas e diz ser uma rainha. Nas entrevistas iniciais, quando se trata de uma criança pequena como neste caso, sempre faço sessões familiares, porque nelas se percebem modos de funcionamento familiar, fantasias e fenômenos inconscientes que não se manifestam apenas com o paciente. Na entrevista familiar, que ocorreu às quatro da tarde de um dia ensolarado, o menino olha pela janela e diz: “Olhem, é de noite, já se veem as estrelas”. Os pais não lhe dizem: “É de dia!”. Pelo contrário, eles respondem: “Sim, o céu já está escuro e se veem as estrelas”. Posso fazer uma hipótese provável sobre a confusão que pode gerar em um psiquismo em formação uma resposta que contradiga a realidade consensual e só responda ao nível imaginário. De minha janela, é possível enxergar as copas das árvores e muitas vezes há passarinhos. O menino diz: “Olhem, tem patos nas árvores”. Os pais concordam! Pergunto a eles se acham que os patos e os passarinhos são a mesma ave. Respondem que não, mas que não querem cortar a fantasia do filho.

A seguir, o menino desenvolve um brinquedo com três bichinhos e diz: “São três amigos, escutam um barulho e se escondem em um poço. Dali a pouco saem dois, mas o terceiro não sai nunca”. Pergunto o que aconteceu com o terceiro. Diz que não sabe. Em seguida, pega um crocodilo entre os brinquedos e afirma: “É um bicho muito bondoso!” Os pais dizem que não desejam lhe falar sobre a existência de animais agressivos, que logo terá tempo para isso! Esclarecem tudo diante do filho, como se este não ouvisse.

As crianças expressam no brinquedo mais do que podem dizer com palavras. O menino anuncia que “falta o terceiro!”, uma *função de terceiridade e de reconhecimento* que demarque em ambos os pais a onipotência oceânica da fantasia sem limites. Sabemos que, em psicanálise, este mecanismo se chama desmentida. A desmentida era dos pais em primeiro lugar, afetando a construção da categoria da diferença no filho. Como terapeuta, eu devia compreender algum sentido da necessidade de recorrer a este mecanismo de defesa extremo.

Juntamente com os pais, descobrimos várias motivações que, para eles, estavam dissociadas e que não relacionavam com suas respostas desconcertantes, as quais achavam naturais. O avô paterno havia sido militar no processo ditatorial na Argentina, onde existiram desaparecidos, e denominavam poço ao lugar da tortura. O pai falava da violência do próprio pai em relação à sua mãe e irmã, mas jamais mencionou sua atividade durante o regime militar. A desmentida dá conta de um segredo familiar: o avô fora um repressor, não apenas violento com a tia e com a avó do menino, como cometeu delitos dos quais não se podia falar, pois

poderia ser julgado. O crocodilo bondoso condensava na figura do avô alguém mau, mas querido pelo neto.

Por sua vez, a mãe do pequeno ficara órfã de mãe aos cinco anos (a mesma idade do filho no momento da consulta), mas dizia não ter sofrido, porque suas tias funcionaram como mães substitutas. Depois esclareceu que viviam em outro bairro da cidade e cada uma das tias tinha mais de três filhos. É pouco provável que as tias tenham estado tão próximas a ela, compensando a falta da mãe em idade tão precoce. Outra desmentida.

Conforme demonstro na vinheta, considero existirem diferenças prévias que se constituem muito antes do reconhecimento da diferença sexual anatômica. Vemos claramente a desmentida, com múltiplas determinações a partir de ambos os pais, impedindo a construção da diferença entre fantasia e realidade, entre dia e noite, entre um animal e outro, entre o bem e o mal, entre outras diferenças que estavam destituídas entre eles.

Embora seja necessário compreender a falta da construção da diferença em cada caso, há diferenças universais que nem sempre se constroem, tais como reconhecer o filho enquanto outro, a diferença geracional e a aceitação da não completude (do não tudo).

A desmentida da diferença sexual anatômica é produto de outras desmentidas prévias que intervieram na trama familiar. O reconhecimento da diferença sexual anatômica só ocorre se forem construídos organizadores prévios sobre a diferença.

Concordo com Jacques Derrida (1968) quando afirma que a diferença é originária, mas considero que essa não é uma categoria que se constrói de maneira natural. O Ego se constrói em diferença, mas, para isto, a trama familiar deve permitir pensar as diferenças. O filho não é da mãe, ele é outro sujeito e – se consideramos que se forma uma interdependência bidirecional entre o adulto e o bebê – a assimetria e a diferença vai se construindo, acontecendo o mesmo em relação à semelhança, uma vez que ambos são sujeitos. A diferença se constrói de modo complexo, a partir do reconhecimento do enigma da alteridade, quando não existem traumas prévios que promovam mecanismos de defesa patogênicos.

Pensar a construção da identidade de gênero é desconstruir o pensamento binário, saindo do eixo fálico-castrado e linear por meio do qual nos formamos cultural, teórica e profissionalmente. Pensar a partir do binarismo implica a atribuição de características essenciais ao feminino e ao masculino, temas que considero essencial revisar.

Freud (1923) afirma que “o masculino reúne o sujeito, a atividade e a posse do pênis; o feminino, o objeto e a passividade” (p. 149). A partir dessa lógica, considera-se o feminino como carência, masoquismo e passividade. Porém,

se pensamos que, em ambos os sexos, está em jogo a *incompletude*, devemos revisar a categoria do feminino e do masculino. Insisto na afirmativa freudiana de que o masculino reúne o sujeito, enquanto o feminino se relaciona ao objeto. Pergunto: quanto há de determinação cultural nessas proposições?

Por outro lado, no complexo de Édipo ampliado, Freud (1924) nos introduz na complexidade, apesar de que considero que não pôde escapar aos valores pré-discursivos de sua época na consideração do feminino.

O início do si mesmo se constitui ao mesmo tempo em que o reconhecimento mútuo do outro. A etapa do reconhecimento mútuo ocorre em um momento em que a criança é *um perverso polimorfo*. Do ponto de vista da psicanálise relacional, as renúncias pulsionais vão se gestando por amor ao outro e pelo enfrentamento aos pais na etapa de afirmação de si mesmo, não necessariamente por medo à castração ou, pelo menos, não como o único determinante.

Considero que os filhos se identificam com a fantasmática dos pais e com a trama vincular, não com o sexo biológico deles. A qualidade vincular, o tipo de apego, as identificações, as interdependências nas vicissitudes das identificações de gênero e o despertar da pulsão influenciam mais do que a heterossexualidade ou a homossexualidade dos pais. De que forma se cruzaram os atos psíquicos entrelaçados entre o Ego incipiente e o outro nas várias gerações?

É interessante observar como a identificação com o outro sexo, os denominados transtornos de gênero e de identidade sexual, sobrevêm de uma trama contextual que participa na construção da subjetividade, indo além da construção de uma identidade masculina, feminina ou trans. É importante considerarmos fatores como o desejo de ter um filho e a aceitação ou rejeição do filho real ao nascer, incluído também seu sexo biológico. Porém, isto não é absolutamente determinante na construção identitária, que será sempre – e ao final – uma produção individual (quando outros não intervêm na criança durante sua infância, quer dizer, quando os pais e os médicos não decidem mudar o documento de identidade da criança, seu nome, suas vestimentas e realizar nela intervenções hormonais, por exemplo). Sabemos que a psicosssexualidade não termina de se definir na infância, mas, às vezes, os desejos dos outros intervêm prematuramente sobre a criança. Poderíamos incluir o postulado de Foucault (2007) sobre a sexualidade ser socialmente construída, em especial se pensarmos que a família é uma instituição social e o contexto cultural influi no modelo de criação socialmente aceito. Foucault dedicou-se a estudar as condições sociopolíticas e discursivas relacionadas à homossexualidade, mas não incursionou no território das identificações e da metapsicologia, pois esses não eram seu campo de estudo. Estava preocupado com as normas vigentes, tanto médicas quanto jurídicas, que estabeleciam a classificação

da “categoria dos anormais” e “o poder de normatização aplicado à sexualidade” (Foucault, 2007, p. 49).

Em certos casos que atendi, *sair do armário* foi o desenlace para deixar de se sentir invisível em uma família que só tinha lugar para um gênero, o masculino ou o feminino, sem reconhecimento da alteridade sexuada.

Stoller (1975) considera que grande parte da conduta sexual põe em jogo certos níveis de hostilidade, pensando as perversões sexuais como uma forma de vingança emocional por feridas da infância. A pornografia, os atos sexuais ritualizados e as fantasias sexuais, segundo Stoller, são modos que permitem transformar simbolicamente traumas infantis em triunfos sexuais.

Em *Novos caminhos da terapia psicanalítica*, Freud afirma (1919[1918]): “hoje, como sempre, estamos dispostos a admitir as imperfeições de nosso conhecimento, a *aprender coisas novas e a modificar nossos procedimentos* toda vez que se possa substituí-los por algo melhor” (p. 155, *itálicos meus*).

Marucco (1999) postula a existência de diferentes zonas psíquicas, diferentes estados da mente que coexistem, algumas zonas narcisistas e outras neuróticas. Ratifico as articulações existentes entre a sexualidade infantil, que segue vigente no adulto, e zonas com possibilidades de funcionamento simultâneos ou alterados, nas quais diferentes mecanismos de defesa se expressam por meio da intersubjetividade.

O inconsciente, conceito chave da teoria, designa, no sentido tópico, um sistema e, no sentido dinâmico, o conjunto dos conteúdos reprimidos que são mantidos fora da consciência. Contudo, existe outro inconsciente que não é o reprimido, constituído pelo produto de vivências diferentes. Este nos leva a pensar nos efeitos do inconsciente dos outros, que são necessariamente partícipes da constituição psíquica dos filhos.

Na vinheta, percebemos um processo identificatório complexo, inconsciente, mas que não é apenas intrapsíquico, não é um conteúdo reprimido, mas se encontra articulado com os conteúdos cindidos e desmentidos de pais e avós. O nascimento dos filhos desperta zonas reprimidas, cindidas ou do inconsciente mudo, transmitido transgeracionalmente: a identidade de gênero, o desejo do outro, as transmissões dos outros, as vivências e as identificações. Neste ponto, quero insistir no fato do trabalho psicanalítico ser um processo em que, para qualquer pessoa que nos consulta, nossa posição não deve consistir em patologizar os pacientes – exceto nas situações em que descobrimos casos de perversão, compreendida esta como o uso do outro sem seu consentimento, a objetificação do outro, especialmente na infância.

Quanto à identificação

Em psicanálise, a identificação é conhecida como a manifestação mais precoce de uma ligação afetiva com outra pessoa. É um processo que, por sua vez, repousa em uma série de mecanismos subjacentes: imitação, diferenciação, filiação, aprendizagem e formação de esquemas cognitivos. As identificações patogênicas geram um ataque ao vínculo externo ou interno. García Badaracco (2007) destacou a importância dos *outros em nós* e o processo de desidentificação necessário em certos casos.

Na seção V, *As relações de dependência do Ego*, de *O Ego e o Id* (1923), Freud diz:

[...] o Ego se constitui, em boa parte, de identificações que tomam o lugar de investimentos pelo Id; que as primeiras dessas identificações agem regularmente como instância especial dentro do Ego, confrontando este como Superego, enquanto mais tarde o Ego fortalecido, pode se comportar de modo mais resistente [*Resistenz*] às influências dessas identificações (p. 49).⁵

García Badaracco (2007) diz que não se considera suficientemente o contexto no qual se situa o conflito edípico; em geral, os *contextos* são determinantes. Amar a mãe e desejar matar o pai permanece como uma formulação congelada que não dá conta das vicissitudes da trama dos vínculos. Os pais não são apenas *objetos* do conflito edípico, mas constituem uma trama na qual o conflito edípico e a formação psíquica têm lugar. É no contexto familiar, com determinado clima familiar e observando a história dos vínculos, que se gera a trama identificatória.

Algumas questões se centram na limitação de modelos identificatórios que uma criança pode ter em famílias homoparentais para a aquisição de sua identidade (Agrest, 2010). No entanto, os sujeitos homossexuais nasceram de casais heterossexuais. A monoparentalidade sempre existiu ao longo da história da humanidade, embora não assumida como nos tempos atuais, em que uma mulher sem marido decide voluntariamente recorrer à doação de óvulos/espermatozoides e à fertilização assistida ou à adoção. A categoria de *pai ausente* ou desconhecido não é nova, apesar do déficit indubitável que isso implica, não tendo suscitado a preocupação que a homoparentalidade atualmente provoca. Uma criança que se cria sem pai pode se considerar seriamente afetada em seu desenvolvimento porque os atributos parentais que emanariam de sua masculinidade lhe faltam?

⁵ NR.: Recuperado de https://issuu.com/olawikipedia/docs/freud_sigmund_-_obras_completas_vo_p.45.

Acha-se irremediavelmente condenada à doença mental ou à homossexualidade? Ou as funções parentais podem ser independentes do sexo-gênero das pessoas que a exercem? Afirmativamente, sim.

Considero que é preciso ativar defesas em relação às fantasias dos pais, com o objetivo de fazer frente à identificação patogênica a essas fantasias e às vivências geradas nas interdependências pais-filho. Mecanismos de defesa criativos são essenciais para que a criança possa ser reconhecida e olhada, para que possa assumir a identidade de gênero.

A saída do complexo de Édipo implicava alguma consolidação de um sentimento de identidade de gênero e uma posição em relação à escolha de objeto. Este conceito segue vigente hoje em dia? Como pensamos a sexualidade fluida? Constatamos que, em muitos casos, a identidade de gênero é prévia ao Édipo.

Gênero neutro – gênero aberto

Nem homem nem mulher. Tudo-nada? A identidade de gênero é somente uma construção performativa estipulada pelas leis sociais, como pensam alguns autores? Ou, enquanto psicanalistas, deveríamos pensar em processos metapsicológicos e interdependências recíprocas familiares?

Devemos diferenciar a busca subjetiva de um gênero neutro daquilo que se denomina *gênero aberto*, o qual se refere à criação aberta, sem condicionamentos identificatórios para os filhos. Por exemplo, permitir que as meninas joguem futebol e os meninos brinquem com bonecas, na tentativa de eliminar as marcas culturais das categorias determinantes de homem e mulher.

Passo a explicar a busca subjetiva de um gênero neutro, o que nos leva a diversas compreensões. Sem tentar esgotar o assunto, vou me referir a duas delas. Por um lado, o gênero neutro seria a subversão a responder à construção performativa que caracteriza o feminino como um corpo sexuado de mulher e o masculino como um corpo de homem e aquele que difere, tentando realizar uma operação hormonal ou cirúrgica para *responder ao que se espera como normal*. Assim, o gênero neutro poderia ser pensado como um questionamento à transexualidade enquanto tentativa de atribuir o feminino a um corpo de mulher. Operar-se seria considerado como uma identificação com aquilo que é criticado. O gênero neutro evita esses paradoxos no momento em que rompe com os estereótipos e questiona a *normalidade*. Ou seja, a pessoa que se assume como travesti e se veste como mulher, ou o transgênero que se submeteu a uma cirurgia, estariam atribuindo certas características físicas a ambos os gêneros, concretizando no corpo

o que tentam desmentir na realidade psíquica. O gênero neutro tenta apagar esses caracteres corporais.

A partir de uma vertente metapsicológica, observei, em pacientes que me consultaram, uma semelhança entre gênero neutro e os mecanismos psíquicos em certos casos de anorexia: querer expulsar de si, não ser *isso que se tornou, mas a que se chegou através de uma identificação com o outro*.

Postulo que existiria uma identificação com o outro rechaçante ou com um outro que se incrusta na mente do sujeito com postulados identificatórios ou vivências incompatíveis. Tal fato provoca esforços de desidentificação com aspectos constitutivos do si mesmo e está relacionado à tentativa de apagar identificações com os pais rejeitadores. Esta identificação com o outro rejeitador afeta diretamente a constituição do *self*, repetindo ao invés de elaborar (Freud, 1914), atuando inconscientemente o rechaço do outro, fazendo com que rejeite partes de si mesmo, entre elas o sexo. Estaria construindo o *apagamento* imaginário de alguma definição de características sexuais biológicas, cindindo partes de si mesmo, como resultado da identificação com o outro rechaçante?

Penso que, neste tema e na anorexia, devemos introduzir o conceito do *abjeto*. Julia Kristeva (1988, p. 10) afirma: “Já não sou eu (*moi*) quem expulsa, o ‘eu’ é expulso. O limite se tornou um objeto. Como posso ser sem limite?”. Diz essa autora (*ibid.*) que “o que o torna abjeto é aquilo que perturba a identidade” (p. 11). Seguindo ainda Kristeva, diferencia-se o abjeto do sinistro (Rotenberg, 2016a). Freud (1919a) formula claramente que o sinistro [o estranho] é um aspecto cindido que repentinamente se torna presente, enquanto que o abjeto é um aspecto mortífero do outro incrustado no *self*.

Vinheta

Consulta-me uma mãe que está separada do parceiro desde o parto de seu filho, que tem dois anos de idade. A procura se deve ao fato de que o filho, algumas vezes, diz que não é menino e nem menina. Estão unidos por um apego incondicional narcisista, ela sentindo o filho como parte de si. Tenta evitar-lhe a suposta dor da castração, da frustração tolerável. Por outro lado, impede-o de falar acerca das vivências que possui com o pai, a quem o menino ama (“amo papai”), mas também teme. É proibido de amar o pai, porque colocaria em perigo a incondicionalidade materna, inclusive o seu equilíbrio psíquico. Para a mente materna, quando o menino diz “papai me dá medo”, está concedendo a ela um lugar de validação. A mãe é tudo para o menino (reassegura a si mesma), o medo é do pai, não dela. Não há substituição, não é como na fobia do cavalo; é

diretamente a figura paterna/materna. A vivência do menino é de amor, ri com o pai e se diverte, mas deve desmentir o que sente e incrustar o sentir do outro: que o pai a quem ama é ameaçador e seria capaz de qualquer coisa terrível se não fosse pela presença materna. O menino necessita expulsar de si o conglomerado mamãepapaiamoródio.

Isto começa antes do nascimento, mas se manifesta cada vez mais a partir do momento em que o sujeito humano vai se expressando, tentando compreender e dar um sentido às suas vivências. O mecanismo possível é a expulsão do mortífero em si mesmo, mas este mortífero implica também o amor, aspecto que pode ser observado claramente na anorexia: expulsão da comida, que é imprescindível para viver.

Julia Kristeva diz (*ibid.*): “Imagino uma criança que engoliu precocemente seus pais e que, assustada e radicalmente ‘só’, rejeita e vomita todos os dons, os objetos para se salvar” (p. 13). Isto acontece antes que as coisas façam sentido para ela, antes da integração do Ego, antes mesmo que o Ego possa *pensar pensamentos* e compreender estes mandatos do outro sobre si. Quer dizer, aceita e expulsa, come e vomita, identifica-se e, ao mesmo tempo, recebe a proibição inconsciente de aceitar essas identificações.

Tanto a compreensão da formulação identitária de um gênero neutro quanto a anorexia nervosa, que se trata da busca de ser um morto-vivo, merecem uma formulação metapsicológica. Engole o amor materno junto com ódio, odeia a quem sente amar. Em matemática, tal operação seria representada simultaneamente com um sinal de menos e um de mais. É algo impossível de realizar, por isso o medo que não tem representação. O medo não representado, o medo ante a vivência: “amo, mas devo odiar a quem amo”. Ou “eu o amo, mas ele me humilha, me odeia”. Com quem se identificar? Ambos trazem a destruição do outro e do Ego diante da impossibilidade de pensamento.

No referido caso, a mãe viveu sempre o paradoxo de que seus pais a amavam e lhe davam o que consideravam tudo (do ponto de vista econômico), mas, ao mesmo tempo, sentia o gozo mortífero da mãe, que lhe dizia: “Você é um desastre, eu, tua mãe, sou tudo”. A mãe não pôde aguentar o amor edípico de sua filha pelo pai. Humilhava-a e a trancava por horas no banheiro. Ao crescer e ter seu bebê, a quem amava, transmitiu-lhe inconscientemente essa trama enlouecedora. “Você tem um pai, mas não se pareça com ele, porque é um louco; você não pode amá-lo, senão a mamãe morre”.

O menino, terceira geração de vínculos de amor e rejeição maternos, lembra que o pai o levava para passear, brincava com ele, mas a mãe lhe transmitia que estar com o seu pai era perigoso. Entretanto, quando ela estava cansada, o pai

podia cuidá-lo. Nessas ocasiões, de acordo com a necessidade materna, sentia que se divertia com seu pai, mas que estava correndo um risco desconhecido.

Este rapaz, quando volta à consulta aos 18 anos, anorético e indefinido em sua identidade de gênero, conseguiu colocar em palavras a vivência de medo diante do que agora podia denominar como loucura materna. Mas, quando era bebê, não tinha como compreender seus medos. A abjeção é o sinistro do outro incrustado na mente do filh@. O pai era descrito como narcisista, onipotente, e que o humilhava. Quando o paciente completou 16 anos, o pai precisou fechar a empresa familiar, enfrentando uma crise econômica e psíquica. Embora a loucura fosse depositada na mãe, o realmente imprevisível era que o pai é quem estava louco. O paciente começou a desenhar personagens de quadrinhos, mostrando sua identificação com personagens fictícios assexuados, mas disse: “Nas histórias, sempre posso mudar o final. Na vida real é diferente, não posso fazer nada”.

Reatualiza constantemente o existir com o outro metido na mente que não lhe permite ser nem pensar diferente, ou não existir e morrer em operações mentais simultâneas, no processo de constituição do Ego. A comida está contaminada pela impossibilidade de representar, uma vez que é positivo e negativo ao mesmo tempo, mas não pode ser rejeitada de todo porque isso leva à morte, e tampouco se pode assimilar, pois então viria a morte psíquica ao ser tomado pela possessão ameaçadora das advertências maternas.

Utilizei o exemplo da anorexia nervosa para ilustrar metapsicologicamente um mecanismo que considero similar à não identidade de gênero de um sujeito sexuado desde o nascimento biológico, mas que se define como gênero neutro. Ele expulsa imaginariamente o demoníaco do outro. É diferente de se identificar com outro gênero que não coincide com o sexo biológico. No gênero neutro, existe uma tentativa de anular todo gênero. Butler (2004) diz que o sujeito se autoconstrói, mas sabemos, a partir de várias disciplinas, da necessidade do outro para o desenvolvimento mental. Embora a teoria intrapsíquica freudiana tenha levado em conta o objeto, apenas cem anos depois de Freud fomos capazes de perceber o poder imenso do outro na constituição mental da criança.

Estes processos mentais tão precoces, que ocorrem em uma repetição inconsciente de uma trama de amor e ódio simultâneos, impossível de processar, de significar e de pensar, são prévios à diferenciação do eu/ não-eu, sujeito e outro. Sofrem o poder do mandato abjeto de exclusão. O que acontece quando a mãe (ou o pai) se oferece como um outro anti-identificatório? Não se trataria de uma ausência de presença, mas de mandatos que desmentem as vivências duais: por um lado, da criança com a mãe e, por outro, da criança com o seu pai. Essas vivências devem passar pelo filtro da impossibilidade de metabolizar: por isso não se pode

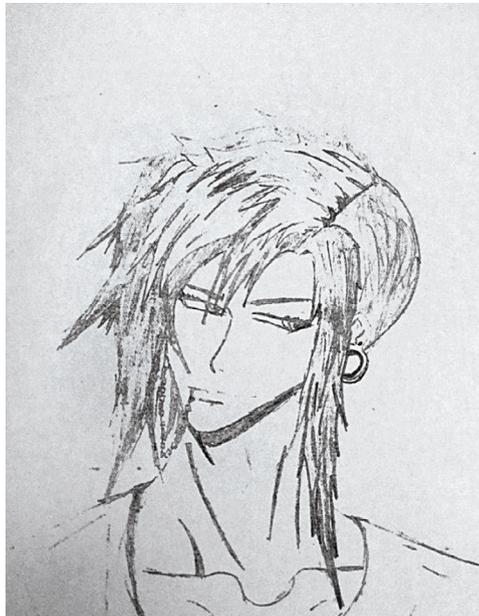
comer, e por isso mesmo o problema é prévio à definição de gênero. A vivência simultânea de amor-ódio pode levar a criança a desejar uma existência fora do gênero. Penso que neste momento ocorre a ilusão de que é possível desmentir a identificação, ou seja, de que é possível o sujeito se auto-construir como resultado de leis que nominam, como política coletiva. Estamos vivendo apresentações de gênero aceitas a partir de políticas culturais que constituem auto-construções e implicam em apagamentos da importância da história infantil na identidade homossexual que estão ligadas à resolução edípica. O vital é preservar a existência e não se perguntar pelo sentimento de si mesmo verdadeiro, já que, para desenvolver o *si mesmo verdadeiro*, o Ego deve metabolizar as identificações e as vivências e apropriar-se delas, sem o que não consegue alcançar a existência. Em muitos casos, o *self* está possuído pelo outro, pelas leis normativas.

Em *Pulsões e seus destinos* (1915a), Freud afirma que o ódio seria mais atribuível ao Ego e à sua necessidade de afirmação. Entretanto, nesses casos tão precoces da constituição psíquica nos quais o outro cobra uma primazia imponente (se não há o reconhecimento do filho como outro), o ódio e o amor estão entrelaçados entre si, assim como ocorre com as pulsões próprias e as do outro, com a necessidade e a vivência em um paradoxo impensável.

Antes de mais nada, a abjeção é uma ambiguidade, porque o Ego vive em contínuo perigo, em contínua ameaça, pois está formado por afeto e condenação ao mesmo tempo. Não consegue dissociar, porque há um todo amalgamado impossível. Resta-lhe apenas o desligamento. Aconteça o que acontecer, existir é o maior ganho. Cada vez que pensa a si mesmo, aparece o outro em seu Ego, mas não como identificações ou alucinações, e sim como uma parte do outro incrustada em si.

Kristeva diz (*ibid.*): “Só experimento abjeção quando outro se instalou no lugar do que será ‘eu’ (*moi*). Não outro com quem me identifico e a quem incorporo, mas outro que precede e me possui, e que me faz ser em virtude de dita possessão. Possessão anterior ao meu advento” (p. 19).

Não me parece suficientemente abrangente a ideia de que a pulsão de autodestruição é inata, uma vez que continuaríamos fixados ao intrapsíquico. Acredito ser preferível pensarmos as interdependências enfermantes ou enlouquecedoras (García Badaracco, 2006), as quais continuam sustentando um poder patogênico inclusive na vida adulta, porque o Ego do filho(a) não foi capaz de construir recursos internos para poder questionar e se diferenciar do objeto enlouquecedor.



Este jovem, por não ter figuras identificatórias, começou a se identificar com personagens de anime e a se transformar em um. Os desenhos mostram o modo como ele sente a si mesmo.



Estamos falando de vínculos prévios à constituição do Superego, de pais que, em um sentido, se amam, mas que, ao mesmo tempo, se odeiam, pois não resolveram seu narcisismo ferido infantil, o qual acabou sem nunca ter sido elaborado, transmitindo isso ao filho. Não se trata de ambivalência, mas do paradoxo impossível dos opostos simultâneos. Como diz Green (2014), “a parte interna de destruição e angústia é considerável” (p. 292). Contudo, a tentativa de expulsar para o exterior, como forma de descarregar a angústia, as tensões internas e o ódio, não é eficaz, porque já fazem parte do *self* e do soma. Por conseguinte, a defesa que resta é a expulsão de partes de si.

Palavras finais

A psicanálise apoiou-se na bissexualidade para a construção da categoria de diferença como organizador psíquico. Somos testemunhas de uma crise nos referenciais simbólicos, e devemos pensar sobre certos eixos antes considerados categorias absolutas. Postulo que a construção da categoria de diferença é uma resultante de construções prévias acerca de outras diferenças organizadoras. É necessário diferenciar as variantes na escolha sexual da problemática da identidade de gênero: uma tem relação com as formas do desejo e do prazer, enquanto que a outra se relaciona com questões da identidade.

Muito foi feito, mas temos muito ainda pela frente: violência de gênero, refletir a respeito do lugar da ciência nas recategorizações de sexo e pensar a construção da identidade de gênero, um tema importante para ajudar os pacientes sem patologizá-los.

Como psicanalistas, devemos aceitar as novas manifestações na clínica e permitir questionamentos para abordar a complexidade. A psicanálise não é uma teoria normatizadora – devemos nos ocupar do sofrimento humano e do ser. Outra questão é a posição ética diante da mudança de identidade nas crianças. Na condição de psicanalistas, devemos também nos pronunciar sobre esse tema.

Há alguma articulação possível entre os tempos primordiais da constituição subjetiva, da busca de ser, das vicissitudes do desejo e das condições performativas da cultura? A diferença não é só *sexual*, é *identitária*. A sexualidade é a expressão subjetiva de um processo identitário. □

Abstract

Complexity in psychosexuality and identity

In this paper, Eva Rotenberg points out that in the 21st century psychosexuality witnessed a change in the way sexuality and gender identities are expressed. Such a change was brought about as an effect of the psyche that is constructed in a relation in which culture, the intrapsychic and the drive intervene. Since functions are psychic acts, new psychoanalytic concepts pave their way, such as the *function of the third* and of *recognition*, in relation to a *category of difference* – a psychic organizer – and to *parental functions*, the latter constituting the context in which the resolution of the *Oedipus complex* takes place, which regards not only the child but also his/her parents. The author argues that the gender of the couple is not the determining factor in the identity-building process of the child's gender, which should be thought from complex identity and relational constructions. The paper also stresses the importance of distinguishing sexual choice, which may be diverse, from the identity issue, including gender identify which is not regarded from make male/female binarism. Furthermore, it develops metapsychological concepts regarding neutral gender and reflects upon the difference between sex and gender, sexual identity and choice of object, as well as upon the manifold manifestations of gender and their effects on the development of child subjectivity. *Difference* is not only sexual, it is identitary.

Keywords: Sexuality; Wish and pleasure; Ideal and Ego-strength; Gender and sexual identity; Choice of object; Function of the third and of recognition; Category of difference; Parental functions; Homoparentalities; Neutral gender/open gender

Resumen

La complejidad en la psicosexualidad y en la identidad

Eva Rotenberg piensa que, en el Siglo XXI, la psicosexualidad vio modificado el modo de expresión de la sexualidad y de las identidades de género, como efecto de un psiquismo que se construye en relación, interviniendo: la cultura, lo intrapsíquico, lo pulsional. Siendo las funciones actos psíquicos, abre nuevos conceptos psicoanalíticos, como la *función de terceridad* y de *reconocimiento*, en relación con la *categoría de diferencia* – organizador psíquico – y las *funciones parentales*, constituyendo éstas el contexto en el que se desarrollan las resoluciones del *complejo de Edipo* de los padres, no sólo del hijo. Muestra que el género de

la pareja no es factor determinante en la construcción de la identidad de género de los hijos, pensada desde construcciones relacionales identitarias complejas. Afirma que se debe diferenciar lo que llamamos la elección sexual, que puede ser diversa, de la problemática de la identidad, incluida la identidad de género que salió del binarismo hombre/mujer. Desarrolla conceptos metapsicológicos acerca del género neutro, y reflexiona la diferencia entre sexo y género; identidad sexual y elección de objeto, múltiples presentaciones de género y los efectos que producen en el desarrollo de la subjetividad de los hijos. La *diferencia* no es sólo sexual, es identitaria.

Palabras clave: Sexualidad; Deseo y placer; Ideal y fuerza egóica; Identidad de género y sexual; Elección de objeto; Función de terceridad y de reconocimiento; Categoría de la diferencia; Funciones parentales; Homoparentalidades; Género neutro-género abierto

Referências

- Agrest, B. (2010). Homoparentalidades: nuevas familias. En *Homoparentalidades, adopción, filiación* (Cap. 7, pp.121-126). Buenos Aires: Lugar Editorial.
- Aulagnier, P. C. (1979). *Los destinos del placer: alienación, amor, pasión*. Buenos Aires: Paidós, 1994.
- Benjamin, J. (1997). *Sujetos iguales, objetos de amor. Ensayos sobre el reconocimiento y la diferencia sexual*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- Bleichmar, S. (2010). La identidad como construcción. En E. Rotenberg y B. Agrest Wainer (Comp.), *Homoparentalidades: nuevas familias* (p. 33). Buenos Aires: Lugar.
- Bowlby, J. (1993). *El apego y la pérdida*. Barcelona: Paidós Iberica.
- Butler, J. (2004). *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós.
- Carrasco, A. M. (2010). El derecho a la identidad. En E. Rotenberg y B. Agrest Wainer (Comp.), *Homoparentalidades: nuevas familias* (Cap. 1, pp. 24-32). Buenos Aires: Lugar.
- Derrida, J. (1968) La différence. En *Theorie d'ensemble*, col. Quel. Paris: Ed. de Seuil.
- Deutch, H. (1949). Psicología de las mujeres. En publicación de *IPA Asociación Internacional de Psicoanálisis*.
- Foucault, M. (1986). *Historia de la sexualidad*. T II. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores.
- Foucault, M. (1991). *Historia de la sexualidad*. T III. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores.
- Foucault, M. (2007). *Los anormales*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

- Freud, S (1923) La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad). En *Obras completas*, 19, pp.141 –149 Buenos Aires Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. En *Obras completas*, 7. Buenos Aires: Amorrortu, 1978.
- Freud, S. (1914). Introducción al narcisismo. En *Obras completas*, (Vol. 14, pp.65-98). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1915a). Un caso de paranoia que contradice la teoría psicoanalítica. En *Obras completas*, (Vol. 14, pp. 105-134). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1915b). Un caso de paranoia que contradice la teoría psicoanalítica. En *Obras completas*, (Vol. 14, pp. 259-272). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1919[1918]). Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. En *Obras completas*, (Vol. 17, p. 155). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1919a). Lo siniestro/lo ominoso. En *Obras completas*, (Vol. 17, pp. 215-252). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1919b). Pegan a un niño. En *Obras completas*, (Vol. 17, pp. 173-200). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1920). Más allá del principio del placer. En *Obras completas*, 18. Buenos Aires: Amorrortu, 1970.
- Freud, S. (1923). El yo y el ello. En *Obras completas*, (Vol. 19, pp. 3-66). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1924). El sepultamiento del complejo de Edipo. En *Obras completas*, (Vol. 19, pp.177-178). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1925). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. En *Obras completas*, (Vol. 19, pp. 255-276). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1931). Sobre la sexualidad femenina. En *Obras completas*, (Vol. 21, pp. 223-244). Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Freud, S. (1932). Conferencia 31. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras. En *Obras completas*, (Vo. 22, pp. 53-74). Buenos Aires: Amorrortu, 1991.
- García Badaracco, J (1983) Reflexiones sobre el sueño y psicosis a la luz de la experiencia clínica Em: Ver. De Psicoanálisis- Vol. 40, N 4. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina. P 693-709
- García Badaracco, J. (1990). Las identificaciones y la desidentificación en el proceso analítico. En *Revista de Psicoanálisis- Buenos Aires*, 47(1): 84-102.
- García Badaracco, J. (2000). Antecedentes históricos de las terapias de grupo. En J. García Badaracco, *Psicoanálisis multifamiliar. Los otros en nosotros y el descubrimiento del sí mismo* (pp.21-31). Buenos Aires: Paidós.
- García Badaracco, J. (2006) El potencial no desarrollado em El pensamiento psicoanalítico de Freud. Ver de Psicoanálisis Vol 63, N 2 PP 289-309. Buenos Aires Argentina.
- García Badaracco, J. (2007). El mundo de las «interdependencias recíprocas». Trabajo inédito.
- Green, A. (1983). *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

- Green, A. (2014). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Jones, E. (1955). *Vida y Obra de Sigmund Freud*. Madrid: Anagrama Ediciones de Bolsillo.
- Kernberg, O. (1982). *Self, Ego, afecto y pulsiones*. *Journal of the American Psychoanalytical Association*, 30: 893-917.
- Kohan, H. (2011). *Diccionario de la sexualidad a partir del psicoanálisis*. Buenos Aires: Dunken.
- Kristeva, J. (1988). *Poderes de la perversión*. Madrid: Siglo XXI Editores.
- Kundera, M. (1994). *Los testamentos traicionados*. Barcelona: Tusquets.
- Lacan, J. (2009). El estadio del espejo como formador de la función del yo (Je) tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. En *Escritos I* (pp. 99-105). México: Siglo XXI.
- Lacan, J. (2010). *El seminario de Jacques Lacan. Libro 5. Las formaciones del inconsciente*. Lanús: Paidós. (Publicado originalmente en 1957/8).
- Lacan, J. (2011). *El seminario de Jacques Lacan. Libro 20. Aun*. Buenos Aires: Paidós. (Publicado originalmente en 1972/3).
- Laplanche, J. (1996). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Marucco, N. (1999). *Cura analítica y transferencia: de la represión a la desmentida*. Buenos Aires: Amorrortu.
- McDougall, J. (1978). *Alegato por cierta anormalidad*. Buenos Aires: Paidós, 1990.
- McDougall, J. (1996). *Teatros del cuerpo*. Madrid: Ed. Julian Yebenes.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment Patterns in Adulthood: Structure, Dynamics and Change*. New York: Guilford.
- Morin, E. (1998) *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Ed. Gedisa.
- Rotenberg, E. (2010a). La homosexualidad y el deseo de un hijo: su impacto en la parentalidad. En E. Rotenberg, y B. Agrest Wainer (Comp.), *Homoparentalidades: nuevas familias* (Cap. 5, pp. 99-112). Buenos Aires: Lugar.
- Rotenberg, E. (2010b). Homoparentalidades, adopción y filiación. En E. Rotenberg, y B. Agrest Wainer (Comp.), *Homoparentalidades: nuevas familias* (Cap. 7, pp. 121-126). Buenos Aires: Lugar.
- Rotenberg, E. (2014). La función Parental verdadero *self*, base de la integración del yo. En *Parentalidades, Interdependencias transformadoras entre padres e hijos* (Cap. 2, pp. 37-70). Buenos Aires: Lugar.
- Rotenberg, E. (2016a). Padres del mismo sexo y pensar la génesis de la definición de género en los niños. En P. Alkolombe, y C. Sé Holovko (Comp), *Parentalidades y género* (pp. 139-146). Buenos Aires: Letra Viva.
- Rotenberg, E. (2017). Parenthood for same sex couples and gender definition in children. In *Changing sexualities and parental functions in the twenty-first century*. Edited by Candida Sé Holovko and Frances Thomson-Salo. Chapter nine pp. 117-132. London: Karnac.
- Rotenberg, E. y Agrest Wainer, B. (2007). *Homoparentalidades: nuevas familias*, Buenos Aires: Lugar.

- Spitz, R. (1965). *El primer año de vida del niño*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Stoller, R. (1975). *Perversion: the erotic form of hatred*. New York: Pantheon.
- Stoller, R. (1979). *Sexual excitement: dynamics of erotic life*. New York: Pantheon.
- Vaughan, S. (2018). *Entrevista filmada a Susan Vaughan por Eva Rotenberg*. Filmación entrevista inédita.
- Winnicott, D. (1960). Deformación del ego en términos de un ser verdadero y falso. (Cap. 4), *El proceso de maduración del niño*. Editorial Paidós, 1979.
- Winnicott, D. (1971). *Realidad y juego*. Buenos Aires: Gedisa.

Recebido em 16/04/2018

Aceito em 15/08/2018

Tradução de **Ernani Ssó**
Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Eva Rotenberg
Ugarteche 3296-4 B
Buenos Aires – Argentina
e-mail: evarot@gmail.com

© *Eva Rotenberg*
Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA